

Rã-txa hu-ni ku-ĩ...



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor JOSÉ TADEU JORGE

Coordenador Geral da Universidade ALVARO PENTEADO CRÔSTA



Conselho Editorial

Presidente EDUARDO GUIMARÃES

ELINTON ADAMI CHAIM – ESDRAS RODRIGUES SILVA

GUITA GRIN DEBERT – JULIO CESAR HADLER NETO

LUIZ FRANCISCO DIAS – MARCO AURÉLIO CREMASCO

RICARDO ANTUNES – SEDI HIRANO



Reitora ANA MARIA DI RENZO

Vice Reitor ARIEL LOPES TORRES

Coordenadora Geral da Universidade ANA MARIA DI RENZO

EDITORA UNEMAT

Presidente MARIA DO SOCORRO DE SOUSA ARAÚJO

ARIEL LOPES TORRES – LUIZ CARLOS CHIEREGATTO

MAYRA APARECIDA CORTES – NEUZA BENEDITA DA SILVA ZATTAR

SANDRA MARA ALVES DA SILVA NEVES

SEVERINO DE PAIVA SOBRINHO – TALES NEREU BOGONI

JOSÉ RICARDO MENACHO TRAMARIM DE OLIVEIRA CARVALHO

ROBERTO TIKAO TSUKAMTO JUNIOR – GUSTAVO LAET RODRIGUES

UNICAMP ANO 50

Comissão Editorial

ITALA M. LOFFREDO D'OTTAVIANO

EDUARDO GUIMARÃES

João Capistrano de Abreu

Rã-txa hu-ni ku-ĩ...

A LÍNGUA DOS CAXINAUÁS DO RIO IBUAÇU, AFLUENTE DO MURU

Textos bilíngues caxinauá-português

Organização

Eliane Camargo

EDITORIA
UNICAMP

UNEMAT
(Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita
Figueiredo")

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990. Em vigor no Brasil a partir de 2009.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO
Bibliotecária: Maria Lúcia Nery Dutra de Castro – CRB-8ª / 1724

Ab86r Abreu, João Capistrano de, 1853-1927.
Rã-txa hu-ni ku-ĩ...: a língua dos caxinauás do Rio Ibuaçu, afluente do Muru / João Capistrano de Abreu; organização: Eliane Camargo. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, Cáceres, MT: Editora Unemat, 2016.

Textos bilíngues em caxinauá-português

1. Língua pano. 2. Língua cashinawa. 3. Linguagem indígena. 4. Índios da América do Sul – Línguas. I. Camargo, Eliane. II. Título.

CDD - 498.4

- 498

ISBN 978-85-268-1357-1 (Editora da Unicamp)

- 498-5

ISBN 978-85-7911-161-7 (Editora Unemat)

- 498

Copyright © by Eliane Camargo
Copyright © 2016 by Editora da Unicamp

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,
por escrito, dos detentores dos direitos.

Printed in Brazil.
Foi feito o depósito legal.

Editora da Unicamp
Rua Caio Graco Prado, 50 – Campus Unicamp
CEP 13083-892 – Campinas – SP – Brasil
Tel./Fax: (19) 3521-7718/7728
www.editoraunicamp.com.br
vendas@editora.unicamp.br

Editora UNEMAT
Av. Tancredo Neves, 1095 – Bairro Cavallhada II
CEP 78200-000 – Cáceres – MT – Brasil
Tel.: (65) 3221-0023
www.unemat.br/reitoria/editora/
editora@unemat.br

Agradecimentos

A revisão deste trabalho só foi possível com a colaboração de várias pessoas. Os primeiros são os próprios caxinauás que “pediam para poder ler a língua que estava no livro”. Exemplares deste circulam pela área caxinauá, porém são geralmente especialistas que leem para o grupo, já que este tem dificuldade em decifrar a notação fonética empregada pelo autor. A nova grafia caxinauá foi empregada, seguindo regras de ortografia. Alberto Roque Toribio, Jacob Torres Torres e Juan Torres Nascimento, do Peru, Gilson de Lima e Hilário Kaxinawa, do Brasil, participaram ainda da última parte da revisão por internet (*e-mail*, *facebook*). A revisão ainda foi efetuada em São Paulo, em março de 2014, e em Plácido de Castro, em agosto de 2014.

Para tal trabalho, constituímos um pequeno grupo de trabalho, com membros caxinauás descendentes de famílias originárias do alto Envira, instalados no rio Curanja e no rio Purus, no Peru. Edneide forneceu-nos informações sobre a atual situação sociolinguística do caxinauá na terra indígena do Igarapé do Caucho.

Este trabalho contou ainda com a colaboração de André Drago, que digitalizou em *word* toda a parte caxinauá, sob a qual pudemos ajustar a grafia moderna que segue o sistema fonológico da língua. Ana Yano efetuou a primeira fase de retraduzir o português da edição original, palavra por palavra. Sabine Reiter atualizava, incansavelmente, o andamento do trabalho no arquivo DoBeS, na página do projeto “Cashinahua”. Ocimar Leitão, da Coordenadoria de Educação Indígena, da Secretaria de Estado de Educação e Esporte do Acre, cedeu gentilmente fotos do rio Muru.

Este trabalho faz parte do programa DoBeS de documentação da cultura e língua caxinauá, realizado entre 2006-2011: <<http://dobes.mpi.nl/projects/cashinahua/>>, que financiou oficinas de trabalho chamadas “Capistrano de Abreu”. A primeira delas ocorreu na aldeia Mucuripe, no rio Tarauacá, em maio de 2006, e as demais foram efetuadas no rio Purus, no Peru.

Angel Corbera Mori, Bernard Comrie, Manuela Carneiro da Cunha, Paula Morgado, Pierre Déléage, Philippe Erikson e Luisa Valentini foram grandes incentivadores para a realização desta reedição, juntamente com a participação dos caxinauás.

Agradeço a todos pelo apoio e empenho em ver esta obra reescrita e reeditada.

Eliane Camargo (org.)

Sumário

PREFÁCIO.....	11
INTRODUÇÃO.....	15
APRESENTAÇÃO – <i>Capistrano de Abreu e sua obra</i>	21
<i>A magistral e inovadora documentação de Capistrano de Abreu:</i> <i>O registro da cultura e da língua caxinauás no início do</i> <i>século XX</i>	21
<i>O personagem de João Capistrano Honório de Abreu no mundo</i> <i>letrado da historiografia brasileira</i>	22
<i>Seu trabalho no campo indígena</i>	24
<i>Os seus informantes</i>	25
<i>Os caxinauás do rio Muru, hoje</i>	26
<i>O livro que fala</i>	27
<i>A anotação proposta por Capistrano</i>	27
<i>Tradução remanejada</i>	32
PRELIMINARES	35
CAPÍTULO I – <i>Primeiras frases</i>	113
<i>B: 1/47, primeiras frases; B: 48/64, roçado, pesca;</i> <i>B: 65/71, construção de casas; B: 72/93, trabalhos da mulher</i> <i>e do varão; B: 94/104, jabuti; B: 105/107, jacaré;</i> <i>B: 108/121, veado, beija-flor.</i>	

CAPÍTULO II – <i>Varia</i>	125
<i>T: 122/129, paca, cotia, cotiara; T: 130/145, tatu;</i> <i>T: 146/163, pesca; T: 164/205, macacos; T: 206/218, pupunha;</i> <i>T: 219/293, roçado, legumes; T: 294/301, louça; T: 302/310,</i> <i>algodão; T: 311/327, brinquedos de meninos.</i>	
CAPÍTULO III – <i>Aldeias, mudanças e contatos e guerra</i>	143
<i>B: 328/361, aldeias do Ibuacu; T: 362/419, mudança de aldeia;</i> <i>B: 420/448, peruanos e brasileiros; B: 449/497, uma guerra.</i>	
CAPÍTULO IV – <i>Ritos</i>	159
<i>B: 498/521, tempo de fome; B: 522/552, roçado; T: 553/593,</i> <i>pescaria; T: 594/770, caçada de cabeças; T: 771/864, pescaria</i> <i>em lagoa grande; B: 865/891, dança da paxiúba-barriguda;</i> <i>B: 892/924, idem.</i>	
CAPÍTULO V – <i>Festas</i>	203
<i>T: 925/976, jejuns, perfurações; B: 977/979, idem; B: 980/1016,</i> <i>convidar para uma grande caiçuma; B: 1017/1033, o rito da</i> <i>memória; B: 1034/1057, convite para beber caiçuma;</i> <i>B: 1058/1091, fogo novo; B: 1092/1122, pintura do corpo.</i>	
CAPÍTULO VI – <i>Vida sexual</i>	229
<i>B: 1123/1163, incisão e casamento; B: 1164/1183, os madihas;</i> <i>B: 1184/1284, casamento, gestação, parto; B: 1285/1309, dieta</i> <i>da gestação; T: 1310/1361, casamento; B: 1362/1410, tecidos.</i>	
CAPÍTULO VII – <i>Vida, morte, feiticeiros</i>	255
<i>B: 1411/1444, sonhos; B: 1445/1481, morte natural, enterro de</i> <i>varão, morte por veneno; B: 1482/1494, enterro de mulher;</i> <i>T: 1495/1518, luto de varão; T: 1519/1551, luto de mulher;</i> <i>B: 1552/1582, execução de um envenenador; B: 1583/1617,</i> <i>envenenamento da mãe; B: 1618/1656, almas e feiticeiros;</i> <i>B: 1657/1695, idem; B: 1696/1735, história de um feiticeiro.</i>	
CAPÍTULO VIII – <i>Anedoctas</i>	287
<i>T: 1736/1795, uma briga; T: 1796/1832, permuta de um cachorro;</i> <i>T: 1833/1856, execução de uma ladra; B: 1857/1886, uma</i> <i>bebedeira; T: 1887/1902, urubu e macaco-prego.</i>	

CAPÍTULO IX – <i>Caxinauás transformados em bichos</i>	303
<i>B: 1903/1908, tatu, a mulher que virou tatu; T: 1909/1959, tatu;</i> <i>T: 1960/1996, tamanduá; B: 1997/2040, anta; B: 2041/2088,</i> <i>porcos (-do-mato ou queixada); T: 2089/2153, idem; T: 2154/2204,</i> <i>jabuti; T: 2205/2255, o menino que virou peruinho-do-campo;</i> <i>T: 2256/2314, o menino que virou cambaxirra.</i>	
CAPÍTULO X – <i>Bichos encantados em caxinauás</i>	343
<i>T: 2315/2368, o quatipuru encarnado; B: 2369/2491, idem;</i> <i>T: 2492/2559, o relato do quatipuru encarnado; B: 2560/2581,</i> <i>sapo; B: 2582/2602, idem; B: 2603/2648, a jia encantada em</i> <i>caxinauá; T: 2649/2708, veado ensinando a fazer roça.</i>	
CAPÍTULO XI – <i>Bichos entre si</i>	381
<i>B: 2709/2712, juriti e sabiá; T: 2713/2774, quati, juriti e</i> <i>preguiça; T: 2775/2816, O marimbondo e os urubus;</i> <i>B: 2817/2832, onça(s, e coelho); T: 2833/2893, anta, onça,</i> <i>jabota; T: 2894/2930, rato, morcego e cogumelo;</i> <i>T: 2931/2951, nascença dos cogumelos.</i>	
CAPÍTULO XII – <i>Caxinauás e bichos</i>	405
<i>B: 2952/2955, tamanduá ressuscitado; B: 2956/2984, idem;</i> <i>B: 2985/2998, a juriti e o urubu; B: 2999/3050, o chagado, os</i> <i>urubus e o rato; T: 3051/3121, idem; T: 3122/3149, a maria-de-</i> <i>-barro; B: 3150/3215, a onça que comeu os netos; B: 3216/3236,</i> <i>a onça agradecida; B: 3237/3268, A história de Dantan Ika; T:</i> <i>3269/3369, O Sovina; B: 3370/3382, idem; T: 3383/3488, idem;</i> <i>T: 3489/3539, O caxinauá que virou poraquê.</i>	
CAPÍTULO XIII – <i>Caxinauás entre si</i>	465
<i>B: 3540/3619, o panema de mulher bonita; B: 3620/3691, o</i> <i>caxinauá de coxas pegadas; B: 3692/3756, acuruá; B: 3757/3793,</i> <i>o irmão enganando o irmão; T: 3794/3901, o irmão morto pelo</i> <i>irmão; T: 3902/3966, o menino que matou a onça; T: 3967/3997,</i> <i>a mulher piolhenta; B: 3998/4008, os irmãos engolidos por cobras;</i> <i>B: 4009/4032, o caxinauá perseguido pela cobra; T: 4033/4091, o</i> <i>comedor de cobras; T: 4092/4130, a mulher que comeu urubu;</i> <i>T: 4131/4323, o valente; B: 4324/4554, idem.</i>	

CAPÍTULO XIV – <i>Feiticeiros e espírito</i>	571
<i>T: 4555/4605, o feiticeiro e a sucuri; B: 4606/4627, o feiticeiro e os porcos; T: 4628/4666, a alma e o filho perdidos;</i> <i>T: 4667/4676, o espírito/alma-yuxin cantando como jia;</i> <i>T: 4677/4762, o homem que bebeu huni; B: 4763/4800, os diabos;</i> <i>B: 4801/4850, o menino levado ao céu pela andorinha;</i> <i>B: 4851/4905, o presidente; B: 4906/4927, o relâmpago.</i>	
CAPÍTULO XV – <i>Astronomia</i>	607
<i>T: 4928/4995, a primeira noite; B: 4996/5043, o Inca;</i> <i>B: 5044/5060, a aranha; B: 5061/5142, o roubo do sol;</i> <i>B: 5143/5181, a lua; T: 5182/5349, idem; B: 5350/5403, idem.</i>	
CAPÍTULO XVI – <i>O fim do mundo e o novo mundo</i>	657
<i>B: 5404/5499, o cataclismo; T: 5500/5630, idem;</i> <i>B: 5631/5721, idem.</i>	
CAPÍTULO XVII – <i>A dispersão</i>	685
<i>B: 5722/5804, a dispersão; B: 5805/5860, a vida na aldeia de Conta se assentou; B: 5861/5926, adivinhações.</i>	
<i>Bibliografia</i>	707

PREFÁCIO

Rã-txa hu-ni ku-ĩ... A língua dos caxinauás do rio Ibuacu, afluente do Muru, prefeitura de Tarauacá

Philippe Erikson

Um século após a sua primeira publicação, eis enfim uma versão atualizada e amplamente acessível de *Rã-txa hu-ni ku-ĩ...*, valiosa coleção de textos caxinauás transcritos no início do século XX pelo ilustre historiador brasileiro João Capistrano de Abreu (1853-1927). Orgulhamo-nos ainda mais pelo fato de essa respeitada obra – inicialmente publicada em 1914 e reeditada em 1941 – ocupar na etnologia americanista um lugar excepcional. Reconhecido desde sua publicação como uma obra-prima, tal como testemunham as resenhas entusiasmadas publicadas na época do lançamento¹, o texto foi rapidamente traduzido, ou melhor, adaptado, em diferentes línguas, notadamente em alemão, francês e, um pouco mais tarde, em espanhol². Claude Lévi-Strauss, em sua obra *Mitológicas* (1964-1971), cita várias vezes Capistrano de Abreu, e emite um número considerável de comentários sobre esse marco nos estudos americanistas. Eis um sucesso que não desmente e que soube atravessar o tempo.

Apesar desse incontestável sucesso, *Rã-txa hu-ni ku-ĩ...* viria a se constituir, paradoxalmente, em uma fonte amplamente desconhecida, contendo ainda uma grande quantidade de dados “brutos” à espera de análise tanto etnográfica

¹ Koch-Grünberg, 1915; Rivet, 1919; Garvin, 1946; Hestermann, 1919; consultar a tese de Christino, 2007, para um tratamento exaustivo do tema, especificamente consagrada à recepção de Capistrano nos meios universitários.

² A tradução de Koch-Grünberg foi amplamente utilizada por F. Karlinger & E. Zacherl, 1976; ver Barroso, 1930, para o francês, e d'Ans, 1975, para o espanhol.

fica quanto linguística. O texto de fato foi traduzido de forma bastante aproximada, seja muito literal (palavra por palavra, na versão de Capistrano), ou muito literária (na versão de seus seguidores), mas nunca com toda a precisão necessária para explorar amplamente esse antigo tesouro. Até aqui, a singularidade da obra estava no reconhecimento de que ela representava um acervo inestimável de conhecimentos, mas sem que ninguém pudesse acessar totalmente seu sentido. Esse fato já fora constatado no início do século passado, pelo padre Constantin Tastevin³:

Sobre os caxinauá, sua língua e seus costumes, consulta-se com proveito o livro escrito pelo Sr. Capistrano de Abreu, um brasileiro erudito, em colaboração com dois índios caxinauá de Hoyassú⁴, que ele instruía previamente. A leitura é um tanto difícil porque o autor não julgou necessário, ao realizar a versão palavra por palavra do texto indígena, fazer uma tradução literária de leitura mais coloquial... Entretanto, nem por isso a obra-prima é menos valiosa em seu gênero e sinto muito não tê-los sob os olhos.

Todo o interesse da obra, apesar de sua dificuldade, vem do fato de que *Rã-txa hu-ni ku-ĩ...* apresenta-se como uma reunião de textos coletados diretamente na língua indígena, no Rio de Janeiro, de dois jovens, Bôrô (i.e., Muru, Vicente Penna Sombra) e Tuxinin (Luiz Gonzaga Sombra), levados do Acre por um general brasileiro que para lá se transferiu.

Mais sortudos ou, certamente, mais resistentes que os outros quatro companheiros falecidos pouco depois de serem levados com eles à cidade (Sombra, 1913), [os dois jovens] viveram o suficiente para trabalhar durante cinco anos, dos quais seis meses em tempo integral, com Capistrano de Abreu. O historiador, não podendo se beneficiar das técnicas modernas de gravação, anotava os textos como ditados, resultando em um grande número de repetições e de aproximações. Em termos de tradução, respeitando, é claro, a sintaxe de origem, realizava uma tradução literal, mas de difícil compreensão para quem não conhece o *hantxa kuin* (a língua dos caxinauás). Sem dúvida nenhuma, trata-se de uma lacuna importante, restando muito o que fazer para extrair o *Rã-*

³ Tastevin, 1925, p. 20.

⁴ Ibuacu.

-*txa hu-ni ku-ĩ...* de sua matriz. Isso se faz a partir desta reedição, que propõe uma nova tradução do texto, acompanhada de análises linguísticas e de comentários etnográficos acessíveis aos pesquisadores interessados e aos leitores caxinauás.

Fruto de uma colaboração estreita entre falantes indígenas, esta edição revisitada supera todas as tentativas de reatualizações anteriores, notadamente as de Torres & Montag (1976) e de André-Marcel d'Ans (1978; 1985). A primeira, empreendida no início dos anos 1970 por um missionário do Instituto Linguístico de Verão (ILV) auxiliado por um professor bilíngue, não deixa de ser interessante, mas propõe uma versão um tanto difícil de usar, tratando-se de microfichas reproduzindo notas manuscritas parcialmente ilegíveis. A segunda, bem mais difundida – e tendo atingido um sucesso editorial incontestável –, pode ser igualmente considerada uma tentativa de reatualização da obra de Capistrano, porém, pelo simples fato de o vernacular não dispor de posição definida desde o início, ela acaba se situando em uma categoria diferente, mais próxima da literatura que da etnolinguística, situando-se na linhagem do trabalho realizado pelo escritor peruano Luis Urteaga Cabrera (1995) a partir de um *corpus* mitológico *xipibo*. Sem dúvida, também não é por acaso que a tradução francesa desta última obra foi prefaciada por André-Marcel d'Ans.

A obra de Capistrano de Abreu consiste em 5.926 frases (numeradas) acompanhadas, como visto, de uma tradução literal em português. Nela, constam 65 adivinhações apresentadas sem tradução, seguidas de um léxico e de algumas notas gramaticais. A maior parte dos textos refere-se à mitologia, mas o livro compreende também relatos de assuntos de natureza diversa, indo da descrição de conflitos à tecelagem, passando pela vida sexual e pela descrição de alguns rituais. Se uma boa parte desse conjunto (notadamente os dados mitológicos) remete a relatos, cujas versões mais recentes puderam ser coletadas, outras, entretanto, parecem ter desaparecido totalmente do repertório caxinauá, o que só faz aumentar o interesse pela obra. Igualmente no plano lexical, uma parte do vocabulário usado parece, nos dias de hoje, totalmente arcaica, e, sem sombra de dúvida, um dos méritos deste livro é dar-lhe uma segunda vida.

Eis, definitivamente, no melhor sentido do termo, uma obra atípica em muitos aspectos. Atípica sobretudo por resultar de um empreendimento

colaborativo efetuado por gerações e enfrentando obstáculos etnolinguísticos; atípica por se tratar de uma obra outrora pioneira, muito tempo mantida negligenciada, chegando hoje na sua maturidade devido aos esforços comuns de várias gerações de falantes caxinauás e de pesquisadores ocidentais que, alternadamente, se embrenharam nisso. Disso resulta o livro que vocês detêm em suas mãos, disponibilizando o rico conteúdo de *Rã-txa hu-ni ku-ĩ...*, não apenas para o mundo da pesquisa, mas também para os caxinauás contemporâneos que irão (re)encontrar uma parte importante de seu patrimônio cultural. Tanto uns quanto outros saberão tirar o melhor proveito, e desta obra, renascida das cinzas, sem dúvida continuaremos a ouvir falar.

Introdução

Eliane Camargo

Em 1992, a antropóloga Manuela Carneiro da Cunha, então professora no Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo, expressou a importância de reeditar os textos de Capistrano de Abreu de modo a fornecer uma grafia mais adequada para que todos, falantes nativos do caxinauá¹ e não falantes interessados nesta obra, pudessem ter acesso aos textos na língua vernacular e em português normativo. Diferentes intelectuais também expuseram essa importância na historiografia e na antropologia indígenas brasileiras. No programa DoBeS² de documentação da cultura e da língua caxinauás³, tal tarefa foi mencionada. Entre 2006 e 2011, foi possível verificar diferentes versões das narrativas apresentadas na obra de João Capistrano de Abreu, entre colaboradores caxinauás. Esse trabalho foi realizado principalmente com habitantes do rio Purus, no Peru e no Brasil.

Em 2006, quatro dessas narrativas foram apresentadas aos caxinauás do rio Tarauacá, na Área Indígena da Praia do Carapanã, durante uma oficina de cultura e língua caxinauá realizada na aldeia Mucuripe. Muitos dos participantes nos propuseram gravar suas versões (cf. DoBeS); o relato da

¹ *Kaxinawa* é a grafia do nome do grupo e da língua na língua vernacular. Em português, a grafia adotada nesta obra é a usada por Capistrano de Abreu. Outras grafias também são encontradas na literatura: cachinauá, cachinawa, kaxinawá.

² Documentation of Endangered Languages – Documentação de Línguas Ameaçadas.

³ *Documentation of Endangered Languages* (<http://dobes.mpi.nl/projects/cashinahua/>), programa financiado pela Fundação Volkswagen.

“mulher que virou tatu” (*Ainbu yaixi*) foi escolhido para ser gravado em diferentes versões. No Peru, muitas das narrativas apresentadas na obra de Capistrano eram de conhecimento das pessoas de faixa etária de 60 anos, porém em distintas versões – o que é usual na tradição oral. Outras narrativas não são do conhecimento delas, sugerindo lacunas na transmissão oral.

Nesse trabalho, os mais velhos ficaram interessadíssimos em escutar as narrativas e afirmavam “querer aprendê-las”, dizendo *Xenipabu miyui, nun tapin katis ikai*. Os mais novos, ao ouvirem os comentários dos mais velhos, queriam ver o livro, mas rapidamente ficavam frustrados por não conseguirem ler os dados. Não reconheciam a grafia. Um jovem da aldeia Colombiana, no rio Curanja no Peru, propôs-se a retranscrever o livro na grafia empregada por eles. Ao tentar ler com a chave de leitura que lhe fornecemos, desistiu logo da tarefa, pois esta lhe pareceu árdua e improdutiva, já que, mesmo tentando pronunciar todas as letras com as nasais indicadas, foi pouco feliz em sua tentativa. Desestimulou-se de participar de uma colaboração *in situ*.

Em 2007, os primeiros capítulos foram retranscritos e a tradução para o português foi revista, tanto em campo como em São Paulo, durante a permanência de Herman Torres Kaxinawa⁴, que ali estava no âmbito do programa DoBeS. Os demais capítulos foram retrabalhados entre 2008 e 2010, e revisados entre 2013 e 2014.

Tendo em vista o trabalho colossal que isso representaria, Eliane Camargo optou por efetuar uma grande parte do livro nas dependências do Instituto Francês de Estudos Andinos (Ifea) em Lima, Peru. Em 2008⁵ e em 2010⁶, uma equipe caxinauá verificou a nova grafia que segue o sistema fonológico da língua e discutiu muitas das estruturas sintáticas. Em 2010, a equipe retomou as narrativas referentes a ritos com cantos e danças, por encontrar incongruên-

⁴ Herman Torres (Iban, *Dua bakebu*) nasceu e morou no Peru até 2002, quando veio para o Brasil morar com sua filha mais velha, Vitória, em Santa Rosa do Purus. Em 2007, instalou-se na aldeia Porto Rico e em 2011 retornou ao Curanja, no Peru. Seu conhecimento de narrativas míticas e de ritos é respeitado pelo conjunto do grupo que ocupa o rio Purus e afluentes.

⁵ Alberto Roque Toribio, Santiago Belisario e Texerino Kirino Capitan, com a colaboração de Ana Yano, na época mestranda no Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo.

⁶ Alberto Roque Toribio, Texerino Kirino Capitan, Ercília Shuarez, Noeda Puricho, com a participação de Andréas Capitan.

cias na descrição proposta por Capistrano. Ela se deu conta de haver misturas na descrição de alguns dos ritos, como entre o rito da iniciação (*nixpu pima*) e o da memória (*txidim*). Nas oficinas denominadas “Capistrano”, realizadas em Puerto Esperanza (2009, 2011, 2012, 2013), a equipe intergeracional esclarecia dúvidas quanto aos dados etnográficos apresentados nos relatos. O relato sobre a excisão não foi aceito por nenhuma das mulheres consultadas. Elas atribuíram a uma confusão com a prática dos xipibus, grupo pertencente igualmente à família pano. Alguns homens anciões titubeavam quanto a essa prática, sem saber se ocorrera ou não no passado. Outros arriscavam a dizer que talvez fosse “coisa de outros rios, não do Envira e adjacências de onde originavam seus antepassados”. O último capítulo sobre adivinhações foi prazeroso para os que tiveram acesso à sua leitura, pois, no Peru, praticam esse conhecimento em espanhol, o que pode ser, provavelmente, um legado do contato com os seringueiros, visto que adivinhações não são práticas comuns na Amazônia (cf. Erikson & Camargo, 1996).

As notas preliminares mostram a influência da linguística alemã da virada do século XIX para o XX na transcrição adotada por Capistrano de Abreu. Alguns exemplos com a anotação das vogais mostram o uso de uma transcrição fonética daquela época. O pronome pessoal de primeira pessoa é representado pela vogal “e” [ə], anotada por “ö”. A transcrição dos dados é fonética, como a notação da vogal “e” após a consoante “t” pelo fato de a pronúncia desta sequência ser /ti/ > [te]. Fonologicamente, trata-se da vogal “i”, como exemplificado em *böç’te txái* [bəʃte’caj], cuja transcrição fonológica é *bextitxai* /bəʃticai/. *Bextitxai* designa “um” (numeral), interpretado por “**que pode ser um**” pelo autor.

Capistrano de Abreu registra interjeições pouco usadas hoje em dia, como *miçã* – “**cuidado!**” –, que expressa um sentimento de preocupação. Capistrano não aponta o termo *mintsa*, de valor admoestativo, cujo correspondente em português pode ser “cuidado”: *Mintsa dete kiki* – Será que vai atacar?! Essa interjeição, apesar de ser de conhecimento de pessoas acima de 30 anos, está em desuso. Ela alude à época de guerras, quando não se sabia se iriam ou não ser atacados.

Capistrano fornece interessantes interjeições, muitas delas em desuso no falar moderno, como o advérbio de afirmação *hen*. Em alguns casos, duas formas designam a mesma interjeição. Isso pelo fato de uma ser usada pelo

homem e outra pela mulher. O autor chega a indicar varão ou mulher, não as duas formas. A expressão de admiração *ta-a* – “**ah!**” – é um exemplo com a indicação de ser “**admiração de varão**”. No falar moderno, o homem enuncia *ai taa!* e a mulher, *ee!* para expressar “Nossa!”. Essa diferença lexical de gênero talvez não tenha sido coletada ou observada por Capistrano.

Alguns dados apresentam uma forma diferente da atual, cujo registro pode indicar uma fase anterior da língua ou variante lexical. A locução adverbial *baç-i-taç’ka* designa “**depressa, imediatamente**”, mas ela não foi reconhecida pelos caxinauás consultados. Estes interpretam *baçi* por “capim”, e fornecem a locução *baski itaska* designando “assustar-se muito”.

Estas notas ofereceram oportunidade de complementar a breve introdução à língua proposta pelo autor, com informações etnolinguísticas e etnográficas adicionais fornecidas pela equipe caxinauá e discutidas com ela.

A retranscrição e a revisão dos textos

Dois doutorandos em antropologia social da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP) participaram deste projeto: André Drago⁷, encarregando-se de transcrever os dados em caxinauá na grafia unificada, e Ana Yano, retranscrevendo o português literal proposto por Capistrano em português literário, este revisto por Eliane Camargo. Alberto Roque Toribio, Eliane Camargo, com a participação de Gilson de Lima Kaxinawa, revisaram os textos em caxinauá, aplicando regras de ortografia, estabelecidas a partir de estudos da gramática.

⁷ Colaborador pontual do projeto.



Bake ixta hisim puntea udi texunxun uinikiki/Criança através de tarrafa. Foto: G. Lima, 2013.



Mudu hene anu – nexexexex ikaki/rio Muru, canoas amarradas. Foto: SEE/Ac.